



Índio ameaça ministro e pede saída de Apoena

Ontem à tarde, a sede da Funai no Setor de Indústria esteve vigiada por policiais, esperando centenas de índios que ameaçavam constantemente seu presidente Apoena Meirelles e exigiam sua demissão imediata do órgão.

A crise se agravou depois da exoneração de Evódio Vargas, delegado da Funai em Campo Grande-MS. Em Campo Grande, o delegado substituto, Osmar, que é da tribo Terena, mandou que forças policiais tomassem a área, deixando os índios bastante indignados. A revolta dos índios foi comandada por Valdomiro Vargas, irmão de Evódio, que vieram em caravana para Brasília a fim de conversarem com o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto e o presidente José Sarney.

No Ministério do Interior, logo na entrada tropas da Polícia Militar com cães e armas garantiam a segurança na esplanada contra os índios "ameaçadores" que começaram a chegar no Ministério no final da tarde.

Ibis Menino de Freitas, cacique Wacu Cocal de Alagoas foi um dos primeiros a chegar ao Ministério, com um documento a ser entregue ao ministro e Presidente da República, denunciando o massacre no Mato Grosso do Sul, pedido de demissão de Apoena Meirelles, indicação do indigenista Cláudio Romero para a presidência da Funai, permanência da Funai em Brasília e a aceitação de modificações do Estatuto do Índio. O documento ainda consta de abaixo-assinado de várias nações indígenas entre elas Guarani, Tchu-carramãe, Xavante, Kamaurá e Xavante.

Servidor quer participar das decisões da direção

Os funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) estão revoltados com a possibilidade de serem postos à disposição da Sunab, sem antes haver qualquer tipo de negociação entre os empregados e o presidente da Fundação, Apoena Meirelles. No último dia 6, Apoena propôs ao ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, a transferência de 431 funcionários para atuarem junto à fiscalização do congelamento de preços do País, dentro da política de descentralização da Funai, que passaria a necessitar de apenas 40 pessoas.

Dentro desse processo de descentralização, Apoena pretende criar superintendências regionais da Funai em todo o País, além das administrações regionais, a elas subordinadas. A intenção é de que os órgãos de direção atuem próximos às áreas indígenas e, assim, facilitar o trabalho desenvolvido nos locais, além de acabar com o deslocamento dos índios para Brasília. A Funai da capital federal, neste caso, passaria a funcionar apenas como a direção maior do órgão, encarregada de orientar, fiscalizar e supervisionar os trabalhos na Superintendência. Nesse aspecto, apenas 40 funcionários seriam necessários.

Formada em julho do ano passado, a Comissão paritária, composta de 6 funcionários da Funai para discutir assuntos trabalhistas com outros seis representantes da direção da entidade, acusa Apoena de tomar decisões autoritárias, já que nem os funcionários, nem a comissão interministerial, criada pelo Go-

verno Federal para estudar os aspectos da reestruturação da Funai, foram ouvidas sobre a questão. Conforme a pesquisadora Maria Goretti Moreira, uma das participantes da Comissão Paritária, as notícias recebidas pelos empregados foram as veiculadas pelos meios de comunicação. "Não pudemos discutir e nem negociar, pois nada sabíamos da decisão do presidente", diz ela.

Cacique Wacu Cocal denuncia massacre em Mato Grosso e quer Funai no DF

depois de reuniões na tarde de ontem, com o deputado Mário Juruna e de conversas por telefone com o presidente da Funai, Apoena Meirelles, a assessoria de comunicação do Ministério do Interior, através de seu assessor José Arantes, explica que "o problema da 9ª DR em Campo Grande não haverá solução enquanto houver duas facções entre as lideranças Terena. A única solução seria mandar alguém neutro para dirigir a delegacia até que os Terenas se entendam e encontrem um nome de consenso.

Ibis Menino de Freitas de posse do abaixo-assinado explica a nossa reportagem que o Plano de Descentralização, proposto por Apoena Meirelles foi feito junto com o ministro sem a "participação de lideranças indígenas. Apoena não tem culpa, o comando dos militares ainda está

no Ministério como na Velha República". Os policiais militares que estavam de prontidão desde a manhã de ontem, alertados pela imprensa que divulgou a invasão dos índios na agência do Banco do Brasil no Setor de Indústrias, e que ameaçavam comparecer ao Ministério se dirigiram ao Palácio do Planalto, a fim de obterem uma resposta ou uma solução depois da reunião do ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil.

Comissão Paritária acusa Apoena de tomar decisões autoritárias Comissão

Segundo conta, no momento em que assumiu a Funai, no final de 85, Apoena demonstrou seu desagrado quanto à estrutura da Entidade. No mês passado, pediu demissão por se considerar sem apoio para promover as mudanças. Sua demissão não foi aceita e o apoio surgiu através da criação de uma comissão interministerial, composta por representantes do Ministério da Saúde, Minas e Energia, Educação, Reforma Agrária e do Conselho de Segurança Nacional, que apresentaria propostas à reestruturação. "O fato é que, antes mesmo da comissão se reunir, já estavam sendo criadas Superintendências. Então, me explique, para que existe a Comissão", indaga Maria, acrescentando ser essencial a participação de funcionários da Funai nessa comissão.

PARTICIPAÇÃO
"Os empregados desejam, enfim,

Em frente ao Palácio do Planalto, policiais enfileiraram em frente a caravana dos índios com os cães. Com faixas dizendo "Queremos demissão do Sr. Apoena e do Sr. Ministro", e gritando "Chega de violência" os índios esperavam uma solução do encontro de Raoni, Juruna e Marco Maciel.

Na noite de ontem o secretário de Segurança do Distrito Federal comunicou que várias armas foram apreendidas com os índios durante as manifestações.

Enquanto o clima esquentava em Brasília o presidente da Funai, indigenista Apoena Meirelles colocava em prática seu Plano de Descentralização da Funai visitando dezenas de comunidades indígenas. Em telex enviado de Manaus Apoena explica que "existe o perigo de muitos entenderem que estamos querendo estatualizar a Funai, mas o que pretendemos é resolver os problemas da Funai, fora dos gabinetes de Brasília, onde se tem uma visão teórica dos problemas. A prática é outra".

participar de decisões que dizem respeito a seus futuros", complementa o antropólogo Artur Mendes, também da Comissão Paritária dos funcionários da Funai. Ele explica que no último dia 3 foi buscar uma posição da Comissão Interministerial junto a seu presidente, o secretário-geral do Ministério do Interior, Maurício Vasconcelos, que nada pôde dizer, já que a comissão ainda não havia se reunido. "Ficamos então com a promessa de que seríamos comunicados das atitudes da Comissão", continua, dizendo que todos os funcionários foram surpreendidos pela notícia veiculada dia 7, a de que Apoena estaria pensando em transferir os funcionários para a Sunab. "Não questionamos a necessidade de sermos remanejados, mas sim como isto se procede, sem que haja negociações", salienta.

Procurando manter contato com Apoena Meirelles - "ele não vai a Funai há mais de um mês" - os membros da Comissão Paritária esperam que sejam aceitas suas propostas quanto ao procedimento das mudanças a serem verificadas na Fundação. Eles querem, além da participação de seis funcionários na Comissão Interministerial, a distribuição de questionários aos empregados, indagando como se colocam diante da transferência para a Sunab. "Assim", argumenta Artur, "teremos condições de apresentar uma visão global da situação de todos os interessados, já que existe a possibilidade, também, de sermos transferidos para os diversos Ministérios.